

## DEMOCRACIA 2.0

MIGUEL CARDINA\*

Noventa e nove por cento. É com recurso a esta percentagem que os acampados de Wall Street se têm apresentado à sociedade norte-americana. Eles estão ali, diante do grande símbolo do poder da finança, para protestar em nome da imensa maioria que tem sido vítima da crise económica e financeira. No fundo, questionam o poder dominante enquanto privilégio de uns poucos para usufruto deles próprios. E lançam à democracia o desafio da sua regeneração. Por contágio, um enorme e maleável “99%” passava de mãos no 15 de Outubro lisboeta, replicando a mesma ideia. Que num outro cartaz se explicitava assim: no mundo actual “a história do Robin dos Bosques está ao contrário”.

É certo que existem diferenças substanciais nos protestos que têm ultimamente ocorrido. Na Tunísia, no Egipto e na Líbia as manifestações recentes contribuíram para mudar a paisagem política e instaurar regimes democráticos em países com um longo lastro ditatorial. No Chile, são os estudantes que tomam a dianteira, agitando bandeiras que ultrapassam o estrito domínio da educação. Nos Estados Unidos da América, o alvo principal é a finança. Na Europa, os revoltosos gregos, os indignados madrilenos ou a “geração à rasca” portuguesa afrontam um conjunto de medidas de austeridade que - legitimadas pela opaca e mal explicada “crise das dívidas” - ameaçam redesenhar a sociedade e o Estado.

No entanto, é possível encontrar pontos comuns neste novo panorama reivindicativo. O primeiro diz respeito à forte pre-

sença da juventude. Ela corresponde a um traço habitual nas contestações de natureza mais sistémica e faz eco, neste momento, da crescente precarização das relações laborais que atinge com particular veemência os mais jovens. O segundo aspecto concerne à crítica das elites políticas (apontando o dedo ao despotismo, à corrupção ou às privatizações) e económicas (contestando as desigualdades ou questionando o modo como esta crise financeira tem sido paga com o rendimento dos cidadãos). Por fim, todos estes movimentos – ainda que nem todas as suas componentes sejam imunes a um discurso populista

“

**É possível encontrar pontos comuns neste novo panorama reivindicativo**

que aduba terreno para o crescimento da extrema-direita – valorizam a democracia como algo que não se confina às instituições representativas.

De acordo como o antropólogo Alain Bertho, estamos diante de uma nova vaga contestatária, evidente no aumento da quantidade de motins. Em Agosto de 2011 eles já tinham ultrapassado o número registado em 2010, que por sua vez tinha assistido a mais do dobro das revoltas registadas em 2009. Como se mencionou acima, elas tanto correspondem a situações nacionais específicas como dão conta de características mais vastas. No fundo, a indignação generalizada que tem descido às ruas tem diante de si um desafio gigantesco: como pode a imensa maioria reinventar a democracia?

*\*Por escolha do autor este texto não segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

*\*Investigador do CES*

## EDITORIAL

### ENSINO SUPERIOR: ANO ZERO

**O**s cortes feitos no Orçamento de Estado (OE) relativamente ao financiamento das instituições de ensino superior (IES) já não constituem uma novidade nesta fase já adiada do ano lectivo, uma vez que foram anunciados pela tutela em agosto.

Não os constituem quer porque há muito estão anunciados, quer porque há muito se faziam adivinhar. Num cenário em que as palavras «corte», «redução» e todos os seus sinónimos e campos semânticos circundantes fazem inevitavelmente notícia, presagiava-se a diminuição perversa da parcela do OE destinada à Universidade de Coimbra. O que aconteceu. Numa conjuntura que obriga a uma gestão estoica de tudo o que é bem

receber 80 milhões de euros. De longe a quantia mais baixa da última década. Percebendo que o número de estudantes da UC ronda os 23 mil, é quase um contrassenso que um maior número de alunos tenha o menor financiamento já visto. Se tivermos em atenção a receita que a UC recebe relativa às propinas (aproximadamente 23 milhões de euros), verificamos a clara insuficiência, sabendo que 100 milhões mal chegam para cobrir as despesas com os funcionários (discentes e docentes). O único recurso será valer-se de cortes em tudo o que puder ser cortado e das receitas próprias, mas todo este esforço tem um limite.

Para já, o Conselho Geral da UC decidiu não alterar o valor da propina para cursos de segundo ciclo,

“

**Percebendo que o número de estudantes da UC ronda os 23 mil, é quase um contrassenso que um maior número de alunos tenha menor financiamento**

público, o ensino superior não iria funcionar como uma camada privilegiada da população portuguesa e demarcar-se dos cortes verificados nos restantes ministérios. Mas será justo que um dos poucos setores do estado, como é o ES, que não pode contrair dívida, seja um dos setores que a está a pagar de forma mais violenta? Já não bastava que as poucas verbas transferidas pelo OE ao longo da última década obrigassem as IES a violar a lei para assegurar o funcionamento (transferindo as receitas provenientes das propinas para gastos de manutenção), vem agora o recém-criado Ministério da Educação e Ciência atribuir quantias irrisórias que deixam muitas instituições ainda mais no limite. Passemos então aos números.

Considerando a diminuição de 8,5 por cento em relação ao ano passado, a Universidade de Coimbra passou a

terceiro ciclo e pós-graduações, mas é legítimo questionar até quando será essa a opção.

Pode também questionar-se se será possível a manutenção da qualidade pedagógica num cenário tão apocalíptico, em que parece não haver fundos para nada. Parece que terá que se fazer uma refundação dos valores do ES, público e gratuito, que tão deturpados estão.

Enquanto isto, os assuntos a ser tratados com prioridade na Assembleia Magna são discussões sobre quem apoiou ou não a atividade de um núcleo (que terão o seu valor mas nunca poderão ficar à frente de assuntos como a ação social escolar), quezílias pré-eleitorais e outras que tais. Entretanto a Academia espera tranquila pela greve de zelo ou talvez por algo que indique outro caminho mais eficaz.

**Camilo Soldado**

a cabra

Secção de Jornalismo,  
Associação Académica de Coimbra,  
Rua Padre António Vieira,  
3000 - Coimbra  
Tel. 239821554 Fax. 239821554  
e-mail: acabra@gmail.com

acabra.net

**Diretor** Camilo Soldado **Editores-Executivos** Inês Amado da Silva, João Gaspar **Editoras-Executivas Multimédia** Ana Francisco, Catarina Gomes **Editores** Inês Balreira (Ensino Superior), Ana Duarte (Cultura), Fernando Sá Pessoa (Desporto), Ana Morais (Cidade), Filipe Furtado (Ciência & Tecnologia), Liliana Cunha (País), Maria Garrido (Mundo) **Secretária de Redação** Nicole Inácio **Paginação** Inês Amado da Silva, João Miranda, Rafaela Carvalho **Redação** Diana Lima, Diana Teixeira, Félix Ribeiro, Joana de Castro **Fotografia** Ana Filipa Silva, Daniel Silva, Felipe Grespan, Félix Ribeiro, Filipe Furtado, Inês Amado da Silva, Inês Balreira, Rafaela Carvalho **Ilustração** Ana Granado, Ana Beatriz Marques, Tiago Dinis **Colaborou nesta edição** Carolina Santos, Daniel Silva, Fábio Santos, Felipe Grespan, João Valadão, José Manuel Canavarro, Juliana Pereira, Mariana Neves, Miguel Cardina, Paulo Sérgio Santos, Luís Caminha **Colaboradores Permanentes** Carlos Braz, João Miranda, João Ribeiro, João Terêncio, João Valadão, José Afonso Biscaia, José Miguel Pereira, José Santiago, Lígia Anjos, Luís Luzio, Pedro Madureira, Pedro Nunes, Rafael Pinto, Rui Craveirinha **Publicidade** João Gaspar 239821554; 917011120 **Impressão** FIG – Indústrias Gráficas, S.A.; Telefone. 239 499 922, Fax: 239 499 981, e-mail: fig@fig.pt **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Retórica da Universidade de Coimbra, Rui Antunes, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Luís Caminha